

“

Não existe ninguém mais alado:
és um anjo que caiu desamparado
num mundo que não te merece.

És a melodia no meu ouvido,
um poema ainda escondido
— a resposta à minha prece.

ela,
metafisicamente
do outro mundo

POETA DA CIDADE

ela,
metafisicamente
doutro mundo



© Cultura Editora e Poeta da Cidade

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TÍTULO: *Ela, Metafisicamente Doutra Mundo*

AUTORIA: Poeta da Cidade

REVISÃO: Miguel Cardoso Pereira

CAPA: Marta Pedroso

FOTOGRAFIA DO AUTOR: Maria Valente

PAGINAÇÃO: Marta Pedroso

ISBN: 978-989-577-605-4

1.ª EDIÇÃO: maio de 2026

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Eigal — Indústria Gráfica S.A.

DEPÓSITO LEGAL: 554557/25

Estão reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida nem transmitida, no todo ou em parte, por processo eletrónico, mecânico, fotográfico ou outro, bem como não pode ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada, fotocopiada ou gravada para uso público ou privado, sem autorização por escrito do editor. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida, sob qualquer meio, para treino de tecnologias ou de sistemas de inteligência artificial. Esta obra está excluída da mineração de texto e de dados.

Cultura Editora é uma chancela



info@particular.pt | www.particular.pt

Para ti, a minha promessa finalmente cumprida.

*«Não, Pepita, não ta dou...
Fiz mal em dar-te essa flor,
Que eu sei o que me custou
Tratá-la com tanto amor.»*

Almeida Garrett

PREFÁCIO

Quanto mais o tempo passa, mais me apercebo da rapidez com que flui. E, quanto mais interiorizo esse inescapável facto, mais olho para ti com a mais honesta e leal felicidade de que, se é com efeito para ser e para fluir, que seja e flua contigo. Que o tempo flua apenas quando estamos os dois. Que o tempo flua com a mesma intensidade do nosso amor!

Que seja amanhã o último dia das nossas vidas, e que estejamos velhos, pútridos e moribundos, mas com força para um último suspiro apaixonado de até já.

Para mim, não existe religião senão o Universo, tu e eu. O meu Deus é o Incerto, e nós somos filhos do Infinito — os primogénitos de toda a criação. Somos aquilo que toda a gente procura, mas só encontra quando morre e deixa de ter a consciência de que está a procurar, para então ser único no seu pedaço de infinito. Mas não nós.

Nós não temos pedaço — somos todo o Infinito e todo o Infinito está em nós. Por essa razão, não necessitamos de mais ninguém e encontramos um no outro o que nos faltava.

Esta é a nossa génese e a génese deste livro. Nunca quis que percebesses tão bem de onde viemos, quem somos e qual o nosso papel nisto tudo. Esta é a nossa essência.

Em ti, quando fito esses olhos vidrados, vivos, cor de ouro, vejo todos os sonhos que alguma vez existirão. Todas as estrelas na sua forma mais... despida. E vejo-me a mim próprio. A outra parte. Aquela que se separou quando fomos criados, e que só tu deténs! Só tu. E todo o meu ser ronda o teu. Até ao dia em que voltemos à nossa forma canónica.

Todo o Infinito em todo o lugar
numa meia essência

Aí têm: a problemática de toda uma vida tão simples e resumida como uma equação matemática.

Eu tenho a outra. Somos metades de um só ser.

Quando era criança, tive um amor não correspondido.

Na altura em que a palavra amor era ainda sinónimo de imortalidade, em que as despedidas eram temporárias e às oito da manhã lá estávamos nós outra vez. A infância, um presente embrulhado de futuros. Olhávamos para o céu e jurávamos ser para a vida, quando a vida era o toque das 13h30. Há amores que duram para sempre.

Em adolescente, perdi um amor que julguei ser de contos de fadas. Conheci-o também na escola, mas desta vez ele não acabava no toque de saída. Estendia-se para dentro de mim. Fez-se amigo da minha rotina. Aprendeu as minhas manias. Falou-me de futuro, e eu ainda com o presente da minha infância embrulhado. Éramos vizinhos, no sentido figurativo e literal — ele morava no andar de cima do meu coração e ao cimo da minha rua. Éramos vizinhos como todos os grandes amores adolescentes sempre o são, porque julgamos a distância como veneno e recusamos reconhecê-la como cura para os traumas que nos assomam. E o Tempo trouxe-nos muitos. Foi para este amor que eu escrevi os poemas deste livro — fi-lo por amor, mas também por medo de o perder e, como consequência, perder-me. Há amores que duram para sempre.

Hoje, sei que há amores que não carecem de explicação, nem de razão, nem de planeamento. Sentam-se à mesa como se tivessem sido convidados e fazem casa quando julgamos não ter mais amor para dar. Há amores que duram para sempre — mesmo que o amor não seja sempre o mesmo. Eu amo muito, tudo e toda a gente. Comecei por amar os meus pais e os meus avós, seguidos das minhas paixões de criança. Depois amei pouco em quantidade, mas intensamente, tão intensamente que quando acabou jurei para nunca mais e amei de forma fugidia. À cautela. Amei por persianas entreabertas, como quem teme a claridade da manhã porque sabe o que a luz revela: o tempo corre e os amores também.

Agora, amo de forma simples, refém somente da paz que o teu abraço me traz. Há amores que duram para sempre.

Hoje, em que o Presente da infância já me sabe a Passado, vejo que amei tudo e todos em todos os lados.

Este é um livro para os apaixonados.

Fomos antes d'o Ser:

POEMA INTERESTELAR

Não existem amores como este que hoje fundo.
Um momento tão onnipotente
como o daquele que ao segundo
apartou as águas com o firmamento.
As mesmas águas onde me emundo
para lhe mostrar como é digna deste amor profundo
— ela, um ser metafisicamente doutro mundo.

QUANDO SE DESCOBRE UM AMOR — PT. I

Quando se descobre um amor,
tudo o que antes era sem sabor,
como um casulo fechado,
retorna tamanho esplendor:
abre-se no mundo vendado
uma janela de esperança.

O céu brilha por teus olhos.
Olhos que trilham a noite,
que apartem as estrelas
— que tomam o seu lugar.
Substituem a minha paz, tão
térrea e fugaz, pela arte de amar.

DESÍGNIO DE DEUS

És o mais bonito engenho,
fruto do mais intrincado desenho,
de Deus.

És anjo caído como Ícaro,
somente por não caberes no Céu.

O Olimpo é impuro demais para
te albergar.

ESCREVI-TE NUM LIVRO

Tenho um poema guardado pra ti,
dos mais belos que já escrevi,
epítome de tudo aquilo que prometi:
tu, por inteira, tu,
em verso nu
num papel cru.

Um livro metafisicamente dum
outro mundo.

SER-TE

Quero ser-te.
Ser-te o chilrar dos pássaros
numa manhã de sábado.
A paz da Natureza no sofá debaixo das mantas.
A luz quente na cabeceira da cama.
Uma página dobrada e rabiscada
no novo livro que lê.

Preciso de te ser.

Preciso de tecer a nova cama de rede
na qual te amo num dia quente de verão:
o canto das cigarras numa árvore é
a melodia do meu coração quando te contempla.

Sê barco no oceano para eu poder ser o farol
que te guia pela escuridão do firmamento.
Sê estrela ativa para poder partir agora
e encontrar-te ainda viva, à deriva, ofuscando
a aurora dum outro cósmico ornamento.
Sê o sol e banha-me a cara de felicidade
marítima — de um aconchego areal.

És Eurídice ou Beatriz, mas melhor,
porque existes. Porque te sei.

João 20:29

Cri-te sem te ver.

Creio-te sem te ter.

Crer-te-ei no eterno perecer.

QUANDO SE DESCOBRE UM AMOR — PT. 2

Quando se descobre um amor,
o mundo pára.
E de todas as cores sentes o teu peito encher-se:
verde, azul,
um laranja vivo do verão vindo do sul.
Sentes um ardor que te estrangula e mata
ou dá vida à prata e ao ouro:
não sei bem.

É tão puro e intenso.
Um sol-pôr imenso
aos olhos de um pintor;
um incenso que disperso
desperta em ti um odor.

Quando se descobre um amor,
torno-me bastidor para o espetáculo de ti.
Até na minha vida sou mero figurino
na tua presença.

A tua aparição é-me violenta
como quem descobre que tem reflexo
em frente ao espelho perplexo da vida.

Sabes, existem algumas verdades
que te chegam como mentira,

e outras que nunca te chegam sequer:
é verdade o que dizem sobre as almas gémeas
— existem.

Cada uma para cada qual.
Tão únicas como cada árvore que tocas
e folha que vês cair.

Tão únicas como cada bater de asas
e impressão digital.

É esta unicidade abismal
que faz transcender uma alma
à condição sobre-humana.

Uma alma que de mundana
tem apenas o corpo.

Uma alma capaz de atingir o nirvana
com um simples sopro.

Um malmequer que, depois de nu,
ainda vive com amor de mulher louca:
sempre te beije mais do que só a boca.

Mas também é verdade aquilo que não te dizem:
perder uma alma gémea é condenares o teu ser
à incompletude da vida.

É um jogo do tudo ou nada num casino.
Roleta-russa com o destino.

Quando se perde um amor...

o mundo pára.

PERECER

Engravidar-te-ia só para que pudesse,
todos os dias, ver o Sol nascer nos teus olhos,
dar luz às trevas e visão aos sonhos.

Sonho perder-me quando te puseres
e vaguear pela solene noite de estrelas.
Ser só mais um no meio dos cadáveres,
no meio das ruas, dos becos, das vielas.

Os teus olhos dão à luz o Sol.
Os teus olhos dão a luz ao Sol.
Os teus olhos...

Pudesse contemplá-los o próprio mundo,
pereceria em paz de um amor profundo.

A ROSA QUE CRESCER DO CIMENTO

Eu conheci a rosa que cresceu do cimento
porque a vi desabrochar: a cor no cinzento.
Quando me cheguei para a pegar,
cheirei-lhe a essência e por dentro
ela viu a minha,
outrora gelada,
mas ávida por conhecer a dela.

STOPWATCHING

There is only so much one can say
about this wonderful and magical view:
it feels like home at the end of the day,
I guess I could say the same thing about you.

This town is home to endless hills
and streets so beautifully hidden.
Your body has this unique feel
of being spiritually sun-driven.

So powerful, unique and pure
— traits of the city where love strolls,
all of which I know
fit your infinite and beautiful soul.

You, like the city in which I feel
in love with, are home to endless «yous»:
one day you're foggy, the next you swell,
full of hotel rooms for rendezvous.

Don't let no tourist dirty your name
and no other man tear you apart,
for you are to this land the same
as your existence is to my heart: home.

(22/10/2017)

O QUE É O AMOR?

Amar é senão o ato de ler a tua presença
e estarmos em uníssono,
sem dizeres o que pensas.

É quando os mares e os sonhos se juntam
e, num turbilhão de memórias e vivências,
dou por mim a passar noites em vão
enquanto passeio a tua presença
no silêncio inerente do vaguear da minha mente...

Poder olhar para ti e afirmar:
— assim é fácil amar.

POEMA ÉPICO

Eu sou em ti
aquilo que em mim
achava incompleto.

Eu nunca vi
ninguém assim,
tão predileto.

Das estrelas nasceste
para o Universo
me finalmente explicares;

comigo morreste,
deitada em verso,
para sempre me amares.

Pois a obra ama o mestre:
ias ser glória,
mas a tua modéstia
fez-te a funesta
de viveres aquém-vitória.

Desenvolvi a tua obra,
agora só eu te canto

— alto como em ópera.
Toda a arte é pensada,
excepto tu.
Foste criada do espontâneo.
És o vento em bruto
que sopra do Mediterrâneo;
as águas em tumulto,
os pássaros que num vulto
fogem plas nuvens de luto.

És a tempestade, que eu vi,
que se abateu sobre mim.
A Arte, o Fenómeno, o Grandioso,
metafisicamente geraram-se
— eu apenas os escrevi.

IMAGEM

Ao espreitar do firmamento estrelado
os tufos de algodão desintegram-se,
e, sob este pano de renda aveludado,
canto-te esta última prece:

Na rua somos pedra da calçada!
(com cimento de ação ligeira a complementar,
agrupar)

Somos Lisboa ao cair da última badalada!
e tu... ah, tu!

Tu és luz, iluminação e caminho
— e nós, nós somos três elementos: de dia,
melancolia, harmonia e sonoplastia
— à noite és tudo: és pura: és cidade:
és alma virgem — és poesia!
És igreja despida de pecados mundanaís:
és inocente, és padre, és catedrais;
meu poema personificado!

(ah, e se o tudo fosse sempre tudo,
mas o tudo não tivesse ainda sido,
serias tu minha ou do mundo?
do real sonhado ou do sonho vivido?)

Enquanto tudo isso és, atropela-te
a buzina de um barco
no pontão para a Silopor.

És cais para os produtos vindos do além
(além-mar, além-céu, além-vida!)
És artista do ouro da rua;
palavra na sua forma mais natural – nua!;
estátua brasileira andante
no meio de um aeroporto de pombos
(como adoras ser quem és).

És rara!
És *Lusíadas* a afogar;
És *Mensagem* falhada por falta de rede intelectual;
És *Desassossego* que nunca o chegou a ser.

Como eu quero ser contigo!
Quero ser contigo montanhas!
e prédios embargados, inacabados,
imundos em passados por dinheiros viciados!
Quero ser Mafra! Quero ser Sintra!
Quero ser a mata de Monsanto,
cometas de granitos e mármore jazendo na serra.

Somos miradouro para tudo:
livro ou luar, música e dançar,
pirilampos elétricos numa cidade
por luz extravasada,
beijos nos recantos da mouraria,
vozes que não veem a luz do dia;
somos tamanha companhia,
que até as imigrações, as más notícias
e a *lisbon revisited* nos invejam a sina.

E voltamos a ser harmonia:
tu, coral, algas, mar e maresia.

E tem este sentimento por ti tão crescido
que sem ti minto dizendo que o amanhã
vai sempre chegar.

Enquanto fores grandiosa e universal guerra,
espionagem por mais um pedaço de terra,
liberdade vendida por uma verba:
cantar-te-ei pela calada.

Mas quando fores paz, nem arma,
nem cobarde espada, nem câmara apontada,
nem informação pelos *media* filtrada,
religião decapitada, jornalistas,
humanistas, turistas com a luz achada
— quando fores novo mundo
de mim virá a boa nova na qual,
em jeito de revolução estudantil,
te gritarei até se me não haver mais voz
para acordar o povo desta sonata.

E aí, no silêncio, perante o olhar de milhares,
serás eternamente lembrada como
miragem de um mundo perfeito
— deusa de uma nova religião.

GÉNESE

A génese dos meus versos é a génese de ti.
Um dia, ao sentar-me para escrever, escrevi.
E ao escrever nasceste tu
e eu renasci.

MELODIA

Rezo, neste meu jeito de ser,
para que aquilo que em mim vês
nunca o venhas a perder.

Rezo para que a forma como me tocas,
com ternura e carinhosamente,
nunca se perca neste mundo dormente.

Rezo não por um deus ou senhor,
mas para que te mantenhas do meu lado
mesmo quando o vento for
demasiado forte,
a morte o nosso fado,
e o Sol se puser.

Não existe ninguém mais alado:
és um anjo que caiu desamparado
num mundo que não te merece.

És a melodia no meu ouvido,
um poema ainda escondido
— a resposta à minha prece.

UNIVERSO

Amo-te tal como um piano
ama as mãos que o tocam:
com o jeito de quem estuda toda uma vida,
de quem vive toda a ambição
de querer ser mais ainda,
de para quem tocar é tudo.

E eu toco-te de todas as formas.

Sempre que te oiço depois de te tocar
é como um sonho tornado realidade;
e se eu pudesse tocar-te para todo o Universo
levar-te-ia na minha mente para lá,
para o outro lado — onde existe tudo e nada —
tirar-te-ia da minha cabeça,
fecharia os olhos e libertar-te-ia aí...
tocar-te-ia aí...:

Para todos,
Para tudo,
Para qualquer coisa,
Para nada!

Porque não precisa de haver alguém para quem
eu te tocar desde que hajas tu.
Fecho os olhos e encontro-me suspenso,
Quem sabe se morto ou vivo?
Quem sabe se sou alguma dessas coisas
ou se sou tudo isso?
E toco-te tão alto!
Não sei se alguém te ouve,
não sei se algo te vê!
Já não sei nada!
Já não sou nada no meio disto!
Sou só tu e só o sei ser.

ENERGIA

Não penso naquilo que escrevo acerca do que sinto,
porque simplesmente não o escrevo,
logo não preciso de pensar em algo que não faço.

E o que sinto por ti é igual.
Muitas vezes não o escrevo, pois sei
que algo tão puro assim deve ficar restrito
aos confins do meu pensamento... e do teu.

Tudo o que é material morre:
eu, tu, nós enquanto seres físicos,
mas aquilo que se pensa e se sente e não é escrito
é infinitamente mantido no cemitério do Universo
— sim!, um cemitério de ideias e pensamentos
onde tudo aquilo que era para ser, mas nunca o foi,
fica.

Estaremos lá um dia,
quando já não houver mais matéria
sobre a qual se pensar
e formos somente energia... de ideias...

de um amor profundo.

EU NÃO TE AMO, NÃO!

Eu não te amo, não.

Não é isso que faço, não — nem por sombras.

O que sinto pode pura e simplesmente ser traduzido
como a mais feroz e até hoje inexplicável
força da Natureza: não, não é natureza humana
(e até porque em nada se compara a qualquer
comportamento humano);

é, com efeito, uma força da Natureza

— como os relâmpagos e os ventos e as chuvas.

(Nunca notaste na minha preocupação,

na minha descontextualizada

raiva com o meu circundante

e com as pessoas que me rodeiam,

na minha estupefação vegetal quando te fico a olhar
poética e misteriosamente,

que te vejo como um porto de abrigo,

não da tempestade, cuja energia é a minha essência,

mas da «não» tempestade: da sua ausência?)

Se amar é só dizer-to, então não: não te amo!

E sabes porque eu não to só digo?

Porque em ti vejo o meu corpo dividido,

como se no milagre da metamorfose metafísica,

eu tivesse apartado de mim e para ti ido!

É por isso impossível só dizer-to:

— só to diz quem não te é,

eu sou-te.

TERREIRO DO PAÇO

Por entre naus e marés
a descoberta do mundo
está aos nossos pés.

OPERAÇÃO DIVINA

E assim, no silêncio da noite,
onde sem luz o Sol se
esconde, gritas ao infinito.

És, no jardim dos deuses, a flor
que, num gesto de eterno amor,
escolheram para que se tornasse
parte de mim.

COSTA DA CAPARICA, 2015

Triste de quem vive
desconhecendo a tua existência.
Não és mera alma,
mero ser,
és em tudo:
todo o meu viver.

PLANETÁRIO

Tão melancólicos são os céus
quando de noite se põem:
são, para os teus olhos, véus
que todos os amores escondem.

Fechados como num sonho
são ainda mais belos:
não se lhes vê o castanho d'outono
mas pára o Universo para vê-los.

São.... (são tanta coisa...)
galáxias, cometas e estrelas
que se encontram no teu olho.
Jamais vi luzes tão belas
— incandescência digna dum sonho.

AMOR À PRIMEIRA VISTA

Amor da minha vida,
minha árvore despida,
a ti, sim, que te vejo:
serás a árvore da minha vida
ou uma miragem no Tejo?

Será que te vejo da janela
do quarto onde sempre te esperei?
Ou buscas simples, bela,
alguém que te ame como eu amei?

Há quantos anos, indiferente,
te vejo perder toda a folhagem
e descer a rua?

Serás miragem,
rapariga que amo inocentemente?

Diz-me que existes, sim,
que não és mera fantasia.

Até hoje só amei assim
Lisboa, o Tejo e a maresia.

ORQUESTRA

Fosse eu o maestro da sinfonia
que é todo o teu corpo;
tocasse eu esse órgão etéreo que escondes
e que nasceu da orquestra do teu sexo...

Elevar-te-ia às casas mais endeusadas
da música clássica.
Um concerto dos deuses, de deuses e para deuses:
— Nós!

Dirigisse eu as cordas vocais do teu *ensemble*,
e fizesse parte do teu quarteto de sopro,
tirar-to-ia num só fôlego.

És um desejo dos deuses.
A materialização do viver eterno
em sintonia com a música que me fazes escrever.

FÍSICA QUÂNTICA

A finitude humana está no cardápio
desta maldição que é um amor
que se estende para lá da matéria.

Ser ou não ser torna-se irrelevante
aquando da morte de uma estrela.

Por isso é que não somos, apenas.
Não nos limitamos à dimensão
física, à existência no plano de tudo o que vemos
e que já existe.

Somos um aforismo da mecânica quântica.

Imagina haver tanto espaço — infinito —
e mesmo assim tocares o meu caminho
numa troca de energia tão pura que só pode
significar a descoberta da outra metade do nosso ser
imaterial;
aquele ser de que falou Lavoisier:

«Na natureza, nada se cria, nada se perde,
tudo se transforma.»

Somos os que vivem na matéria que não morre:
somos o cemitério de tudo aquilo que era e foi e
será.

PROFECIA

Na primeira vez que te vi,
soube ser em ti o meu lugar:
o silêncio no meu pasmar,
a paz do mar, o assobio da serra,
a inalcançável paz na guerra
em ti pareciam cantar.

RETROSPECTIVA DE UM AMOR PROFUNDO

Mente.

Mente a todos e deixa-te levar pelo encantamento
que sentes quando estás a sós comigo.

Deixa a racionalidade e vive
aquilo que o teu coração pede.

Deita-te comigo na cama do mundo e sê uma.

Corpos colados. Encaixados. Sem limites traçados.

Um jogo sujo nos lençóis lavados.

Chega-te e sente o meu coração como se fosse o teu.

Aprisiona-me no teu seio,
rasga-me as costas com o desejo de me ter.

Não precisam de saber.

Faz-me renascer do teu ventre.

Vem. Só tu e eu. No mundo.

UMA HISTÓRIA EM 24 HORAS

Sabem que as libelinhas vivem 24 horas? Que sorte.

Vinte e quatro horas

para viverem uma vida inteira.

Para crescerem, apaixonarem-se

e deixarem o fruto de si.

Para voarem tudo quanto as suas asas consigam.

Para verem todas as montanhas

e pousar em todas as flores.

Se eu tivesse 24 horas para viver toda a minha vida,

como uma libélula,

viveria à tua procura,

nem que te encontrasse no último minuto apenas

e me apaixonasse no leito da minha morte.

Que honra esta — viver em busca de um amor assim.

Que honra encontrar-te e dar-te tudo de mim.

Que honra morrer e saber-me, finalmente, em ti.

PALÁCIO DA VENTURA

Vem e sê a minha companheira
na viagem da vida.

Vem e vê que não somos só uma miragem
na voragem do tempo.

Somos quimera, os portões do *Palácio da Ventura*
no deserto da solidão.

EM LEIRIA

Como não ser um amor metafísico?
Oíço-te no uivar das árvores,
quando dançam e cantam na leveza
de não se saberem efémeras.

O meu amor é assim:
dança e ama
ignorante à realidade inescapável que é o destino,
que é a morte, que é perder-te.

Mas é livre e sonhador,
como o uivar dos ciprestes e eucaliptos.

É livre e pacífico como a água deste rio,
mas profundo e imprevisível como a água deste rio.

ETERNAMENTE HOJE

Yesterday is here, now will never pass.
A city that cracked me at last.
A love that will never be surpassed.

If only I had another life to live,
I'd do it all over again... just not so fast.

*efémeros, vagabundos,
viajantes cósmicos,*

PICASSO, 1907

Lembra-te de que no nosso estado mais carnal
éramos um: um único viver,
ao som do teu e do meu gemer,
em posições em que nenhum outro ser te colocou.

Entreguei-me assim:
Sem nojo do futuro nem de mim.
Puro, nu e em êxtase vi
o amor que o meu corpo espoletou em ti.

A forma como me tocavas,
como as tuas mãos eram as minhas
e, sem vergonha, vinhas.

O meu corpo era o salão
para a dança contemporânea da tua visão,
das tuas mãos, da tua língua — meu porão,
o meu peito — teu chão de linóleo;
a tua boca afogada no meu caixão,
a porta das traseiras — teu portão.
Sou um Picasso em óleo
na tela que a tua língua pintou.

N2

Morro carbonizado no incêndio dos teus olhos.
Cada vez que me olham,
sinto-me um incendiário capaz
de soltar essa chama que vejo
e pela qual devaneio.
Quero morrer no CO_2 do teu beijo, sem freio.

Morrer amando-te — o que mais anseio.

AMOR TRISSILÁBICO

Tens-me aqui:
corpo, alma e mente
— a receita perfeita
de um amor
meta física mente
doutro mundo.

SOIS MATERNIDADE DO MUNDO

Diz-me quem engravidou esses teus olhos
de onde vejo o Sol nascer?

DEI-TE UM POEMA

Fiz do teu corpo palavras
e escrevi-te nua na minha mente.

Desenhei-te as curvas enquanto dormias
— em palavras cheias de anatomias —
numa cama que também escrevi.

Fechei o caderno e deitei-me a teu lado.
Ali — nua — tu: meu poema personificado.

A COR DOS TEUS OLHOS É OUTONO

Sempre que fecho os olhos vejo-te cair,
suave e graciosamente,
das árvores, quando te toca a brisa.
Essa cor de mel que me adoçou a alma.
Esse quente para o inverno que também és.

ESCOLHA MÚLTIPLA

As ruas que corremos sós
estão impregnadas pela nossa presença.
O nosso cheiro.
Olham-me de lado quando as passeio
na tua ausência.
Toda a pedra da calçada é evidência
do nosso amor.
Todos os miradouros são foz
para as lembranças que desafogam em nós.
Os becos e as vielas por onde andámos,
as janelas nas quais um dia jurámos
viver.
Ainda guardo tudo para o fazer contigo.
Só do teu lado
☐ Lisboa
☐ viver
☐ o mundo
faz sentido.

AI A DANÇA

És dança contemporânea na minha momentânea
felicidade de viver.

És o meu momento mais feliz.

Ai a Dança do teu amor.

SAFARI DE SENTIMENTOS

E tal como em qualquer extinção,
de qualquer animal,
o narrador diz:

«For she is the last of its kind.»

A diferença reside na natureza da tua humanidade
— não és mero animal extinto:
és deusa que conquistou um lugar distinto
no Olimpo do meu coração.

POEMA NU

Quero aquela nudez
que só a mim mostraste.
De corpo.
De alma.
De roupa.
Da calma de não me ter
e do medo de te ver
como nunca ninguém viu.

Sexo platónico à janela.
Gemidos que pintam uma aguarela.
O teu corpo,
um pincel
e um quadro
a granel.

«(...) contigo é ir ao céu e voltar;»

É tornar crente o pecador no altar;
ser vidente de um futuro anelar;
experienciar uma aurora estelar.

Corpo e boca de deusa,
santificado seja quem te ouviu
— esse gemido é proibido ao ouvido
de todo o homem que crê ter-te.

FARMACOLOGIA DO AMOR

És do Universo.
Poesia num traço em verso;
livro que trago
e onde me confesso;
folha onde teço o teu preço:
o preço de amar alguém
feito de maresia.

Harmonia.
Sonoplastia da astronomia,
pura simetria entre a
química da farmacologia
e a metafísica da filosofia.

És messe
para quem te conhece
e prece
para o ateu em mim.

DESERTO

E à noite, quando te imagino,
perco-me na mera ideia do teu corpo:
esse oásis de sexo
neste deserto que é a minha vida sem ti.

Deixa-me beber dessa água
— meu monte de Vénus,
Olimpo do meu desejo
— e deliciar-me na sombra da tua presença
— na doçura do teu beijo.

BIBLIOTECA DE BABEL

Já nem sequer palavras sinto no meu imaginário.
Talvez uma fotografia.
Uma pintura.
Estou repleto de imagens tuas
nuas.
Esse sorriso de rua imaginária.
Miradouro da senhora centenária.

«Uma imagem vale mais do que mil palavras.»

Para além de milhares de álbuns de memórias,
sou detentor de uma biblioteca de livros infindáveis,
uma Biblioteca de Babel de ti,
onde tudo o que poderá vir a ser escrito
já o foi e está e é.
Como se fôssemos nada mais do que
eternamente destinados a um amor assim: *cliché*.

CUSTO DE VIDA

Vem.

Deixa-me levar-te onde ainda não te levei.
Lavar-te a alma como o amor de uma mãe,
a calma de um beijo na testa, como faz um pai.

Vem

e não questiones o porquê.
A artimanha do destino
torna-nos inquilinos
duma cidade inexistente.

Na cidade do amor eterno
vivemos num tempo arrendado,
e agora, sem senhoria,
divido casa com a tua ausência.

BLUE SAPHIRE

Vem beber um *gin*
comigo ao Tivoli.
Prometo tornar esta noite
numa promessa de marfim.

E a tua vida pintá-la-ei
com toda a paz que já vivi
e que te quero desvendar.

CAIXA DE PANDORA

Desmente, com esse teu jeito veemente,
o desejo que o teu corpo sente do meu beijo.
Ignora a hora, o local ou o tempo.
Deflora agora o meu lugar — teu templo.
Implora pela minha fauna, tua flora:
tentadora caixa de pandora
os nossos corpos colados,
curvados à manipulação desta pletora
de quimera, capricho e ficção
que é a nossa roupa dispersa no chão
— conversa íntima e sincera num colchão
de braços dados, dedos entrelaçados,
lágrimas, beijos, destinos traçados,
corpos suados e cansados,
cordoados às memórias de um quente dia de verão.

UM AMOR À ANTIGA

Vem viajar comigo hoje.

Apanhemos o próximo avião no panorâmico
e, sem Google *maps*, deixamos Lisboa e o Atlântico
pra trás.

Descubramos Paris e façamo-lo à boca do Sena:
um espetáculo sem bilhetes, sem palmas nem fretes,
só nós — e à janela sussurras
«Seremos almas de uma só voz.»

Enquanto gemes no meu ser, nua para a cidade ver:
— «Diz-me o que queres?», murmuro, ofegante de
prazer.
— «Saber se é eterno o eu te ter.»

e ali ou aqui... entregue à cidade e a ti prometi:
— «Num ímpeto climático somos um.
uma experiência metafísica incomum
num mundo onde nenhum
outro ser sabe o que é ser amado assim.»

Deitas-te ao meu lado na cama
e choras pla viagem, pla vista, plo rio, pla chama,
pla mista dor, plo drama que inflama o nosso ser:
— dois átomos puros presos por muros futuros
num mundo que não nos soube conter.

PARIS, DATA INEXISTENTE

Quero encher-te o corpo e o olhar de luzes,
ser o elo que faz dos teus lábios
o meu porto de Montebello.

Sobrevoar as planícies e as montanhas
do teu degelo.
Contemplar as tuas mãos,
o sol que emerge dos teus olhos,
o teu cabelo.
Uma carta com necessidade de um selo
à antiga — boca em boca, saliva com saliva.

Um novelo rosa que se desembrulha
nos meus dedos, enquanto escrevem
a prosa dos teus segredos.

Contigo não quero ser apenas um espetáculo
de luzes para turista ver:
quero ser o clímax de fim de ano
— fogo de artifício humano
numa cama, enquanto o sol se vem...

ao amanhecer.

DIGNA DE ESPETÁCULO

Ela é os mares e os ventos do sul;
a bússola natural do mundo
que faz guiar pássaros, homens e corações.

É gravidade sem lei ou equação;
não tem constante, massa nem distância,
mas exerce uma força de atração
que impele ao seu o meu corpo em ânsia!

Ela é as rotas migratórias do que foi
é e há de ser o Universo
— o ritmo da idade e o peso dos anos
nos seus olhos são como sorrisos.
A sua boca, o seu perfume:
cheiram a metafísica, a impossível e a baunilha
(assim se faz de uma fragrância natural — divina!)
Ela é a ave migratória que voa até ao inexistente,
para somente me mostrar que não preciso
de temer o desconhecido.
Ela é toda a ave que voa,
e todo o homem que sonha voar;

(e eu sonho! e a noite é a nossa cama de estrelas na
qual me tapo com o cobertor infinito da escuridão.
e ao sonhar ouço a noite, no seu silêncio múrmuro,
cantar-te:

que esta noite seja, na tua vida,
a mais bela alguma vez sentida.
e que por entre todo o firmamento
feches os olhos e voes com o vento.)

TESTAMENTO — PT. I

Que o meu último beijo venha da tua boca.
Que sejas tu a acompanhar-me na viagem
pacífica e sublime
que é a morte; que guardes para ti
o meu último suspiro e, no teu,
que te lembres da nossa vida inteira.

Sou incompleto sem ti.

ÉS LIVRO

Se é poesia a tua mente,
e o teu corpo o meu papel,
faço da minha boca a caneta
que sem pressa desvenda
o livro que tens na pele.

METAMORFOSES CÓSMICAS

Como uma janela para o inexorável da noite,
também tu és miradouro da alma
para os mundos que não vemos.
Também tu assolas o meu peito
quando olho fixamente esses olhos
como se fossem as pedras preciosas
inexploradas do Universo.

És um pedaço de energia ininteligível,
a qualquer lógica, indecifrável
a qualquer equação, inexequível
a toda a ciência física.

És o produto em bruto do infinito
— fruto de todas as metamorfoses cósmicas.

Se fosses um buraco negro, serias
a mais bela perfeita distorção do tempo e espaço,
numa dança infinita entre a beleza do que se vê
e a efemeridade do que já nem existe.

Serias o vazio mais cheio de significado
como Deus ou a energia negra.

PORTO DE ABRIGO

Vem passear comigo, os dois, a sós.
Para bem longe, não digo onde.
Mas vem e foge de ti,
e encontra em mim
o abrigo que me sabes ser.

DESCRIÇÃO DE INSTAGRAM

Se fosses um carro, deixar-te-ia atropelares-me
só para sentir o teu toque uma última vez.

Se fosses vento, aliar-me-ia a ti,
para que pudesse sentir o entusiasmo do teu passar.

Se fosses chuva, seria flor, ou árvore, ou semente,
para que cada gota que de ti caísse se tornasse parte
de mim.

Se fosses cidade, atirar-me-ia a ti
a gritar que me és «intrinsecamente necessária»:
— morreria por ti então!

DIA DA MULHER

Ela é a mulher de uma vida.

Há homens e mulheres que esperam uma eternidade
por um amor assim.

Eu sei que esperaria,
se no final morresse nos teus braços.

VOGUE FASHION NIGHT OUT

Olhos d'ouro sem dono,
abraço com cheiro a outono:
— a minha estação preferida
no teu ser: profecia cumprida.

O Sol sabe que morre no teu olhar?

FAST CAR

Perde-te na cidade que é o meu corpo.
Faz de conta que sou Paris ou Porto
ou Pequim e num horto
semeia o teu desejo de mim.

Vem sozinha, embarca nesse barco
que sou e deixa-te navegar mar adentro
ou ar acima — avião numa madrugada citadina.

Aterra-te num beijo e sem pejo
despe a tua pele e a minha.

ÉS PARAÍSO

Deus criou dois infernos
e mascarou um de paraíso:
o longe e o perto do teu sorriso.
Beijos ternos que cristalizos.
A presença longínqua de que preciso.
És um abraço oceânico num deserto
e a tua boca a água por que vivo.

Porque o perto nunca o é se,
ao acordar, estiver vazio e frio
o lado da cama a que pertences.

QUANDO TE PENSO — PT. I

Quando te penso
é assim que te vejo:
— de robe, apertado à cintura,
embrulhada na doçura acetinada dos lençóis,
como se a borboleta que já és
precisasse de casulo ainda.

O CAFÉ DOS DEUSES — PT. I

Preciso do teu corpo como combustível
desta minha — inadvertidamente tua — vida.
A tua lembrança sabe-me ao café da manhã,
ao caminhar no calcário português, ao cheiro
da chuva e ao sabor da terra molhada
e à *Belle* na água.
Preciso do teu corpo como testamento deste amor.

A HERANÇA

O meu coração é a herança
pela qual jamais terás de lutar
porque assinei, no contrato que fiz
para com os deuses
— e para contigo —,
a cláusula da perpetuidade.

O CAFÉ DOS DEUSES — PT. 2

O cheiro da cidade caminhando a teu lado
soa-me a café acabado de moer, numa cama
que ainda não temos, banhada por um sol
que irrompe pela janela da nossa ainda
inexistente casa.

Se o fim do mundo fosse hoje
abraçar-te-ia para toda a eternidade
numa demonstração religiosa
de te ver como minha deusa.

ÉS MAR

Fecho os olhos.

.
. .
.

Cheiras a oceano.

Na água do teu corpo

naufraga o meu barco

— sem chegada nem partida:

Nasci aqui: em tí!

E em ti, há três anos

que ando, à deriva,

náufrago nos teus planos;

perdido no teu monte de Vénus;

capitão do barco que há de

navegar e conquistar os teus oceanos.

Apaixonado pelo corpo

que a ondulação desenha,

o meu barco não tem bom porto

e nada mais há que ele detenha

senão a coragem que transporto

de me emaranhar no conforto

da vastidão em que o teu mar me embrenha.

SOFÁ PARA O TEJO

Não quero um inverno frio
nem ver a neve noutra pessoa.
Quero um verão eterno, bravio,
a tua presença no sol quente e tardio
numa sala no alto da Madragoa.

Quero sorrir-te à beira-cama,
beijar-te à beira-mar,
ser teu, de manhã, sem pijama,
beirar-me do teu corpo — desarmar
essa chama que me enlouquece.

És corpo de mulher — ardente
horto onde semeio o meu crer.
Num sopro és átomo e eu, crente,
sou outro — metafisicamente
duas metades do mesmo ser.

À DERIVA NO RIO

Sinto e saboreio o teu beijo,
sem freio, à velocidade cruzeiro,
neste Tejo talhado de desejo,
onde semeio o meu amor.

Mergulho sem equipamento
— que me leve a corrente com o vento.

TÂNTRICO

O vento, quente, molha-nos o corpo:
a humidade escorrega pelas tuas costas.
Sinto-me barco no rio que és.
Quero afogar-me nas tuas águas.
Morrer na tua ofegante respiração.
Quero ser marinheiro que não conhece o mar
em que pesca. Desnortear-me no rebuliço
das tuas ondas. Perder-me na bússola
do teu ventre. Estrela Polar no
extremo dos lençóis.
Quero saborear esse éter que escorre
de ti
em mim
sem fim.

FADO — PT. I

Sempre que me sento a teu lado
e na tua mão macia pego,
sinto o nascimento de um fado,
arte divina à qual me vergo.

TESTAMENTO — PT. 2

Que as ruas se fechem e me esmaguem;
que o rio do leito se levante e
inunde as praças e me afogue;
que a ponte que passo colapse e o castelo,
com as suas pedras centenárias,
se desmorone comigo dentro.
Que tudo isto que vejo, que é lindo,
que é absolutamente puro na sua corrupção
e que representa para mim tudo aquilo que valho
— desapareça!, pois só existe uma outra vista
capaz de um amor tão majestoso,
genuíno e absurdamente belo
— metafísico, decerto —
como o que tenho por esta cidade.

Que este morra, se o outro se mantiver.
Que morra eu!, se com nenhum tiver de viver.

FADO — PT. 2

Deixa-te cantar, leve neste mundo,
banda que cresce no fundo
da tua voz.

És a poesia que trago,
escrevo, rasgo e apago
o meu legado a sós.

Amar somente não sabemos
de outro jeito sem querermos
todo o pedaço de nós.

És o pulso e a caneta,
canção predileta
na voz de um poeta
que sem ti está a sós.

Mas do teu lado sou rei,
sem caminho e sem lei
sou mais do que alguém
já pensou ser.

Só tenho uma certeza:
contigo não há vileza
mágoa ou frieza:
só amanhecer.

mas mesmo na evidência do fim,

NAUFRAGO

Perdi-te o rastro
como um cruzeiro sem mastro
se perde no horizonte.

Sem farol nem Sol,
coberto apenas pelo lençol
da penumbrosa noite,

desconheço o norte do meu ser.
Sem Estrela Polar para me guiar,
sou náufrago no alto-mar

dos teus sentimentos.
Tempestade, relâmpagos e ventos.
Sou D. João na conquista desta escuridão mostrenga

que é não te ter.

Só, náufrago e com frio,
a solidão, num assobio sombrio,
engole-me por inteiro.

ILUSÃO

Talvez não sejas deusa
como sempre te imaginei.
Talvez sejas exatamente assim:
pessoa, mulher apenas.
Talvez te tenha escrito impune
ao falimento que é ser-se humano.
Inócuo à tua corrupção.

Sonhei-te tão perfeita e minha
que talvez, talvez, só talvez,
tenha sonhado um pouco além demais.

RUBRA ROMÃ

Hoje descasquei uma romã para ti
com todo o cuidado de quem toca
pela primeira vez no fruto rubro.
Tirei-lhe a pele com a doçura de mel
dos meus dedos; vi-a abrir-se
na rosa que eu sempre soube ser.
Cada gomo soube-me como
se fosse a primeira vez
que a descascava.
O aroma acarminado assomou-me
quando lhe cheirei o sumo.
Descasquei a romã como de costume
despindo-lhe o traje que a cobria
— e a ti também, presumo.

COM QUEM TE DEITAS?

Não sei mais em que colo dormes.

Será um colo quente e acolhedor
que te saiba à paz do Alentejo?
Às planícies e plantações de melancia?
Melancólico.

Nu.

Um clímax apaixonado ao deitar do dia?

Ou um colo fugaz, citadino e repentino?
Mais másculo?
Mais inteligente?
Mais genuíno?
Quem beija esse teu cofre divino
de onde ainda não me deixaste sair?

AFORISMOS

Imagino a minha patética figura, aqui,
a escrever-te todas estas cartas ridículas
enquanto me assombra a possibilidade de poderes
estar nos braços de outro alguém.

Pensei que as minhas palavras fossem suficientes.
Pensei que te tocassem como nenhuma
outra carícia física alguma vez tocou.
Pensei que a forma como sempre te amei
tocasse mais do que só o teu corpo
— sempre senti tocar mais do que só o teu corpo.

Pensei que me vias infinito.

Só quero chorar perdido no teu sexo,
envolto nos braços do teu amor, incerto
deste ser o último beijo
ou beijar esse teu livro aberto:

— Esse que conheço e li tão de perto;
— Esse que sonhei e sonho todos os dias, desperto;
— Esse que escrevi aqui... ou tentei, confesso.

DOUTRO MUNDO

Prometi que te voava para um lugar distante.

Nas asas do sonho de descobrirmos
novos miradouros onde pudéssemos reviver
a magia do primeiro beijo.

Fecha os olhos, por favor,
e aceita de novo este presente:
um amor doutro mundo
— metafisicamente.

SOIS MEL

Mentiria se admitisse não ter saudade
do teu sorriso.

Vejo-o a todo e cada momento, adornado por esse
mel que te escorre pelos olhos.
Esses olhos... onde o Sol se põe e a Lua nasce.

Sinto a tua falta
e sinto falta de saber se sentes a minha.

FUI TEATRO

Se calhar não te faço falta.
Se calhar fiz casa nas luzes da ribalta
do teu coração
e o espetáculo foi adiado.

COFRE

Sinto falta do teu sítio sagrado.
Essa mente que é meu fado,
esse peito onde me deito:
leito do meu ser.

Sinto falta de beijar o seio
de onde vem o teu prazer.
Ser a tua caixa-forte
e tu a minha, porque sem ti desespero.
Que sorte, ao menos, saber
ninguém te querer como eu quero.

Prefiro, a saber-te enamorada de outro,
o final trágico de Nero.

AQUERONTE

Descobri da pior maneira que o mundo avança
sem a tua presença.
Quer eu queira quer não,
o Sol brilha para todos como se não tivesses partido.
A chuva molha os rostos dos sem-abrigo
da mesma forma como quando aqui estavas.
As flores crescem, mirram
e dão lugar a outras flores.
Os ventos têm o mesmo cheiro
e as músicas continuam a tocar nas rádios.

Tudo mantém o seu rumo sem ti, menos eu:
Não há sol que eu sinta
nem chuva que me molhe,
apenas um uniforme
que visto cinza
de uma cara disforme.
Sem fome, sem forma
de ver o belo
no anel do
Inferno de Dante onde estou.

Sem ti, o Tejo é Aqueronte
em que o limbo faz de ponte

entre a minha existência
e a fonte da minha morte.
Não sei que barco tomar
quando estou na margem do teu corpo.
Sei que a calmaria das tuas águas é uma
máscara de conforto.
Também tens tormentas que te assombram o porto
e não há barco que pare em ti
nos dias de tempestade.

Sentes-te sozinha na solidão da chuva que te molha
o rosto;
na escuridão em que, por vezes, a tua mente
te envolve;
no desgosto de não saberes quem és
ou para onde vais — ainda.

Porque o precioso de não sabermos quem somos
é podermos descobri-lo juntos,
e chegarmos à conclusão de que somos uma fusão
de dois átomos na imensidão de um mundo.

Dois seres que comem da mesma mão.
Dois corações do mesmo coração.
Uma existência marcada pela devoção:
— um amor dos deuses sem Bíblia nem Corão.
Um amor de engenho cósmico.

A minha vida sem ti
é como se alguém tivesse acendido um cigarro
com a intenção de nunca o fumar.
Ardo, neste uniforme cinza,
à espera que me apaguem.

IGNORANTE

Quero voltar a ser criança,
ser feliz na ignorância
de não te ter,
nem conhecer
o estado puro do ser.
Nem sofrimento, nem dor
nem mágoa, nem amor.
Estar sem ser ou morrer.
Porque viver sem ti —
sabendo-te algures que não aqui —
é razão suficiente para escolher não sofrer.

Mas se nem na morte puder
nos teus braços perecer — que viva:
eterno corpo condenado
ao inferno de ser. Criança. Adulto.

Dirão que serei incapaz de me queixar
assim que estiver morto... que paraíso!

Voltar ao tempo
em que não te sabia,
que não te perdia,
que não vivia.

ANTOLOGIA DE UM AMOR

Senti um desassossego na falta do teu aconchego
que quase morri.
Não te sabia o lugar,
somente o não estares ao meu lado — aqui.
Em mim nada tenho senão pranto;
condição de mártir esta que canto,
como um santo beatificado.

No recanto da minha alma jaz só quebranto.

VAGABUNDO NA CIDADE DO TEU AMOR

Eu prometo que também não quero estar aqui.
Eras o único lugar que me sabia a casa.
E agora sou apenas mais um vagabundo,
sem-abrigo, imundo nesta cidade
que já nada me diz.

PRAIA

Diz-me que olhaste o pôr do Sol
nos braços quentes de alguém que não eu.
Que te perdeste no seu sorriso.
Que te prometeu o paraíso.

Diz-me que te apaixonaste por outra pessoa.
E que te perdi definitivamente.

Por favor, desmente.

A DESCOBERTA AGRIDOCE

No amor descobrimos quem queremos ser
e talvez tu queiras ser alguém diferente
do que eras comigo.

Talvez precisas de crescer fora do mundo
que conheceste aos ombros
do teu confidente, amigo,
eterno amante neste mundo antigo.
No amor descobrimos quem queremos ser
e eu sempre soube que queria ser contigo
até ao leito do jazigo,
mais do que namorados, amantes, casados,
eternos mendigos dos amores
dignos de serem filmados, olhados, imitados.

Mas amor é descobrirmos quem queremos
que nos descubra por aquilo que somos
e não pelo que desejavam que fôssemos.

No amor descobrimos quem queremos ser
e tu, querendo ser sozinha no mundo,
privaste-me de alcançar o meu sonho.

Escolho, à realidade, a fantasia
que no sono componho.

13 RAZÕES.

Faz amor comigo na areia
da Saúde, na doença, no verão,
na tua presença tudo é imensidão:
as estrelas, o mar, o turbilhão que é amar.

Mas na ausência de altitude,
o chão está mais perto do que o céu.

Estou sentado na beira
da ponte que nos juntou,
tentado a ser um com a ribeira
que me apaixonou
e a brisa que corre cheira
ao teu perfume — que me perdeu na mente
— troféu que abruptamente me deixou.

O chão está mais perto do que o céu.

UM PEDAÇO DE CÉU

Eu não quero ser uma memória
na gaveta do teu esquecimento,
acumuladora de pó, encaixotada
para os confins do teu pensamento.

Quero viver os teus dias de glória
e poder segurar-te a todo o momento.

MITOLOGIA ENUMERADA

Prometo que não fica mais fácil.

Só vazio.

Vazio do teu cheiro

Da tua voz

Do teu quente

Da tua boca

Do teu abraço

Dos teus olhos

Ah, esses olhos de medusa.

Vazio de corpo.

Estou parado na incerteza de amar alguém que
jamaís voltará.

Estou parado na incompatibilidade quântica do
tempo passar, mas parecer-me parado.

O teu afastamento é inevitável.

Petrifica-me para que o teu rosto
seja a última imagem que guardo.

RUA MARIA PIA

Nem mesmo o silêncio me calará.

Esta noite, de todas as que virão,
será a mais sombria
a que alguma vez me sujeitou a solidão.

PASSEIO POR SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA

Quero dizer que só me sinto bem no teu abraço.
Tenho de te dizer que o meu peito
não tem mais espaço.
Sou um poema inacabado que só quer chorar
a saudade que sente tua: sou tinta a jorrar
num papel amassado no meio da rua.

Nesta cidade sou um vagabundo, um vagabundo.
Um sem ninguém que vagueia imundo.
A banda sonora de uma cidade que não fiz feliz
ainda ecoa nos becos onde nunca te quis perder.

Sou cada parede de cada prédio,
cada coitado a morrer de tédio
deitado com fome e frio
— testemunho do casulo vazio
que é esta cidade. Que é o meu peito.
Uma borboleta que morreu lagarta,
e apodreceu dentro da sua casa.

Sou o exemplo de um projeto falhado.
Descobrimientos num barco remado.
Miradouro à vista — fechado!

A cidade que se me nasceu neste versos
e acolheu o nosso amor nos invernos,
já não é a mesma pela qual andámos.

O DIA — PT. I

Um dia o Sol morreu
sem a tua presença,
e a Lua desvaneceu
numa só noite, de surpresa.

E sem ti o mundo tombou.
Levaste o Sol e a Lua,
deixaste crua e nua
a incerteza de um amanhã.

Filhos choraram,
pais à cabeça as mãos levaram.
Mães, loucas, morreram.

Prédios caíram,
ruas sem ti ruíram
e jardins não mais os havia.

A Humanidade, quase nula,
parou de acreditar
quando dizia que tu, o Sol e a Lua
havam um dia de voltar.

Mas eu pedi para orarem.
Mesmo sem luz.
Sem pai nem mãe.

Filho ou avó.
Sem casa e teto.
Rua ou afeto.

....

E a verdade é que mesmo sem luz o mundo orou.

Orou tanto que do fundo do
que se julgava sem consolo
houve uma única luz que retornou.
Emergiu do fim que não findou
para toda a beleza mostrar que restaurou.

CAMINHAR CONTIGO O DESERTO DO MUNDO

Não precisas de me esquecer
para te lembrares do quão belo é o mundo.

Quero desvendá-lo ao mesmo tempo que tu,
mesmo que o faças com outro alguém.
Quero apenas partilhar a beleza do que vejo
e experiencio,
como uma criança quando recebe um presente
de um tio,
ou um surfista quando apanha a última onda
do verão tardio.

SUICIDA-ME

Diz-me o que faço:

Se fico. Se enlaço
Se abdico. Se traço

um laço ao pescoço deste amor
numa viga de madeira?

um novo caminho,
ladeira que subirei sozinho?

Perder-te-ei de qualquer maneira, eu sei.

A BIBLIOTECA DOS TEUS BEIJOS

Sinto uma biblioteca quando te beijo.
A imensidão das palavras e das folhas
e das lombadas nos teus lábios.
E as metáforas, os aforismos e as páginas rabiscadas
na tua língua.

Espero que ele te escreva poemas.
Que te faça canções. Que saiba cantar.
Que exalte epicamente o teu lugar.
Espero que se ajoelhe e beije todo o chão
que pisares.
Espero que te trate e faça o que eu queria fazer
e não fiz.

Espero que encontres casa
em todos os lugares despojados da nossa presença.
Espero que jamais me sintas no cheiro da maresia
e que a chuva que caía de razia seja mais poesia
do que quando eu a escrevia.
E que a melancolia que se fazia
sentir na sonoplastia do nosso amor ardente
seja só nostalgia de um tempo
futuro. Passado. Presente.

É IMPOSSÍVEL FUGIR-TE

O Sol tem a tua cara
e o verão a cor rara
dos teus olhos de mel,
dourados por um pincel
em aguarela num papel.

O céu é o mensageiro
e a brisa o carteiro
que me entrega o teu perfume.

Sinto e saboreio o teu beijo
em cada carro que vejo
rasgar o alcatrão do rio Tejo.
E mesmo onde ainda não estive
já o sonhei do teu lado:
em Paris e em Roma apaixonado.
Já passeei pelas ruas do Japão
e desvendi Arashiyama contigo de braço dado.
Nos meus sonhos percorremos o mundo
e não existe já lugar que não te conheça.
Deixa-me concretizar este desejo profundo:
a promessa de sermos filhos
de tudo o que há no mundo
— os figurantes principais desta peça
que é a vida.

CEM ANOS SEM TI

Não pertenço a este mundo.
Desde que te perdi, deixei de achar a mera
existência uma razão válida
para o prolongamento inútil da vida.

Sem porquê.
Sem destino.
Sem fado.

Cem anos parece-me muito tempo
para chorar a perda de alguém.
Não tenho tantas lágrimas.
Sem anos é aquilo que eu sou.
Uma existência cuja vida findou
num número inexistente no tempo:
Uma existência sem anos.

Não pertenço a este mundo, desde que te perdi.

SER-TE-EI

Não.

Eu não te amo.

Nunca te amei.

Nunca olhei o céu noturno, e todas as suas estrelas,
na esperança de te encontrar.

Nunca beijei em vão o ar
na esperança de à minha frente te achar.

Nunca me sentei num telhado,
fantasiando contigo ao meu lado,
numa intimidade só nossa, a conversar.

Nunca quis deste mundo apartar
por perceber não me inserir nele,
para só em ti morar.

Não.

Jamais.

Nunca senti nada por ti...

Até ao dia em que te conheci.

Nesse dia não dormi.

Descobri, assim que te vi,
a razão da minha vida:
vim ao mundo, amor,

como o poeta fundador
da escrita metafísica.

Descobri dessa maneira
que a mais verdadeira
forma de te escrever seria
pelo exemplo do Universo:
que sem um único verso
te canta em perfeita poesia.

Percebi, logo ali,
que ninguém igual a ti
havia alguma vez visto.

Tu, tão pura, inocente,
e eu apaixonadamente
escrevi, e escrevi, e escrevi...

E aqui jaz a história
do poeta da memória
que em ti e para ti
para sempre viverá.

Trata bem do meu lar
que é o teu corpo, o teu amar,
pois um dia,
se voltares a procurar
no canto do teu corpo
de onde nunca saí,
encontrar-me-ás a escrever

o amor que ainda sinto por ti.

O QUE SENTES? BORBOLETAS

Ainda sinto borboletas
cada vez que penso em ti.
Um borboletário como aquele que vi
ao teu lado em 2015 no Jardim
Botânico do Palácio Real.

Sinto saudades de desconhecer
a dor que a tua perda me revelou.

Saudades da inocência de quando não te sabia:
não amava, é um facto,
mas também não sofria.

Danado este sentimento sombrio
de te querer tanto como quero.
És longura e eu vazio
— pedaço de terra, pousio
para a dor no meu peito.

Quem plantou este calafrio,
pedaço frio de estação,
cancro do rio — esta doença com que me deito?

INSÓNIA

Invejo-te a capacidade de te esqueceres de mim
— mesmo que apenas momentaneamente.

Também eu gostava de afastar o fatídico facto
de que a cada dia estás mais distante
e de que o destino é imperdoável
na aplicação do tempo.

Com quem te deitas, de noite, na mente?
Quem levas para o aconchego profundo
do teu desejo?
Quem deixas entrar na turbulência que és?

De que cor são os olhos
que vês assim que acordas?
Estarão eles perto o suficiente
para que consigas ver o teu próprio reflexo?

(IM)PERFEIÇÃO

És o mais perto da perfeição
que alguma vez conheci,
sabendo-te perfeitamente incompleta a olhos
alheios.

E chorarás com a carência
dos meus afetos, um dia,
quando o destino se encarregar
de te mostrar que os teus defeitos
só aos meus olhos eram perfeitos.

DISSOCIAÇÃO DO SER

Não existe necessidade de descermos
ao inferno um do outro,
ainda que eu já tenha descido ao teu
mais do que devia.

Existem demónios que obrigam ao silêncio,
existem mares em ti nos quais não posso,
nem consigo, ser capitão.

Tens tempestades que nenhum deus comanda,
nem no Olimpo
nem em Terra.

Não posso, nem quero,
sobrepor-me à tua própria descoberta.
Seres capaz de ser tu, sozinha, é a meta.

E a minha é aprender a ver-te crescer, de longe,
tornando-te naquilo que sempre soube que serias:
metade deusa, metade mulher
— um átomo completo no éter.

TUDO... ?

Tenho sono de ti.
Adormeço na miragem do teu sorriso,
no pôr do Sol do teu olhar.

Sempre me asseguraste de que estas
palavras te eram tudo:

E se o tudo fosse sempre tudo,
e o tudo não tivesse ainda sido,
serias tu minha ou do mundo?
do real sonhado ou do sonho vivido?

Agora sei que o teu tudo
era o do sonho que viveste
mas que passou sem ter sido
eterno.

— que sonho este, ter-te tido!

VIAGEM SEM TI

Tanto silêncio neste vale de solidão.
Um cão.
Um grilo.
Ramos que caem só porque alguém os ouviu.
Que suplício este querer
e não te ter.
Sou alvo de chacota dos deuses.
Bobo da corte divina.

Que paisagem linda a tua face
na memória da minha.
Os teus olhos refletidos no fogo que afoga o rio.

És infinito e imensidão.
Que cansaço olhar-te para lá do horizonte
— rastro ténue, sozinho, frio.
Memórias à deriva no vazio.

É como se o mundo se debruçasse para ti,
e perdesse o seu véu d'encanto quando não estás.

Sou o mundo.

VOU ESTAR AQUI

Vou estar aqui
para quando quiseres viajar
para fora de ti.

Ser porto de abrigo,
ilha num arquipélago antigo,
ou um só livro nos recônditos
duma estante na tua futura casa
à espera que me leias.

Posso tornar-me pássaro
e beijar-te a flor do amor
como se lhe bebesse o néctar.
Voar para longe,
contigo em asas de condor,
torneando o globo
à mercê das marés do calor
do teu corpo.

ATÉ NO DESESPERO

Até no desespero exasperante
de precisar de alguém que me ouça e compreenda
é a tua figura que procuro.

E eu... condenado ao teu esquecimento.

ESTAÇÕES

Sinto-te também no próprio tempo.

És sinónimo das estações.

— Primavera — deitada, serena, numa cama
que nunca chegámos a ter.

— Verão — à deriva, livres, pelo alcatrão fora
a rasgar curvas em busca de lugares para amar.

— Outono — Vogue Night Out e os teus lindos olhos
cor de castanha acolhedora na baixa de Lisboa.

— Inverno — Lúcifer no gelado Inferno de Dante.

És a perdição, salvação,

cura e doença

desta maldição inquebrável

que é amar alguém mais do que a si próprio.

fui mais além -

LISBOA

Ser-te-á articulada
essa beleza exterior,
à vista como o Torel,
mas diz-me quando te tocarem
no céu estrelado onde só eu toquei
e que víamos do Monte daquela Senhora:
abrigados por acácias do Japão,
varanda para a imensidão
de uma cidade que ainda te namora,
mas para quem tu remeteste
ao que já é o teu esquecimento.

COMÉDIA DE DANTE

Quis escrever algo que te fizesse ficar ou voltar,
retornar àquilo que fui nesse lugar que é o teu peito.
Mas já nem sequer palavras sinto.
Sou um fado sem sina.
Sou neblina citadina que escapa deste carro
quando à bolina te procuro no sussurro de cada rua.
Porém... perdi-te em todos os becos.
E agora tenho só *flashes* de imagens tuas:
múltiplas tu, e em todas estás nua.

Que fiz eu para herdar a tua perda?
Nunca amem alguém assim, perdidamente,
que a vossa felicidade fique pendente
da sua presença.

É esta a definição de inferno e o círculo final
na comédia de Dante:

— aqueles que em vida
saibam perdida a oportunidade
de a voltar a ter.

E ainda mais:

— aqueles que em vida
a saibam despida
para outro olhar a ver.

AVIÕES

Somos aves do espaço,
metálicas estruturas pertencentes a uma ordem imaterial.
Somos aviões sem asas
e existem tantos lugares para onde voar.

À boleia deste amor,
o profeta vindouro,
chegámos ao destino:
— nem final feliz,
nem coração destroçado —
esperava-nos um fim
ainda mais derradeiro:
o final verdadeiro
fora a viagem até aqui.

DEIXAR IR

Talvez deixar-te ir não seja assim tão mau.
O tempo encarregar-se-á de me apagar
da tua memória recente,
e um dia hás de dar contigo a tentar
lembrar-te de mim apenas com a aparição
de meros vultos e imagens vagas
de um tempo em que foste feliz,
não interessa com quem.

Talvez deixar-te ir seja libertador.
Acharás outro ombro onde chorar,
e eu deixarei de ser o primeiro pensamento
a que recorres quando te ocorre algo bom ou mau.
Talvez estejas a sorrir neste momento
porque isso já acontece e apercebes-te de que
estás cada vez mais perto de me esquecer.
Não te preocupes comigo. Voa. Sê feliz.
Ama outros como me amaste.
Não penses muito.
Não penses de todo.
Não penses em mim.
Anda sem olhar para trás e corre se precisares.
Esquece-me, como se nunca nos tivéssemos
cruzado.
Como se não fôssemos duas metades da mesma
pessoa.
Aprende com outros homens o que não fui capaz de
te ensinar.

Aprende sozinha o que sempre te disse:
o mundo não estará sempre do teu lado,
encontrarás sempre almas que te compreendam.

Talvez esquecer-me seja a melhor coisa
que alguma vez farás na vida.
Quiçá encontres o verdadeiro amor,
aquele que eu jurava ter-te dado todos os dias
desde que te conheci.
Quiçá seja calmo como precisas.
Estável e sereno como eu pensava e queria ser.
Espero que te faça rir.
E espero que o ames mais do que me amaste,
ou então, só o suficiente para ser para a vida.
Ninguém merece conhecer-te, apaixonar-se e ficar
sem ti, tudo num espaço de tempo que se assemelha
à infinitude.

Talvez a palavra insubstituível
seja isso apenas — uma palavra,
facilmente substituível por uma frase qualquer
como: o tempo faz tudo passar e tudo esquecer.

Talvez a palavra insubstituível seja como o vento:
sentimo-lo quando fechamos os olhos
e a brisa assalta-nos o rosto,
mas, quando amaina, rapidamente nos esquecemos
do quão forte soprava, do frio que nos fazia sentir
ou da vida que nos dava.

Talvez eu não seja a pessoa certa.
Talvez te arrependas de alguma vez
me teres conhecido...
Perdoar-te-ei.
Aprenderei a amar-me por mim e por ti.

Aprenderei sozinho o significado insubstituível de

«foste um na minha vida»

com especial enfoque no tempo passado do verbo.
E aprenderei a chorar quando te vir noutros braços,
num qualquer tempo presente ou futuro.

Aprenderei sozinho o que é viver sem uma
alma gémea.

Mas sei que estarás feliz.

E quando nos voltarmos a ver, um dia,
será como dois meros estranhos
que se conhecem um pouco bem demais
para serem só amigos,
e que se desconhecem por completo
para serem algo além.

E assim, eternamente, no nada ficaremos.
Presos ao horizonte do que poderíamos ter sido, libertos na brisa do
vento que já passou
mas unidos na metafísica da nossa
existência molecular.

Fomos.
Somos.
Seremos
um
para sempre.

Espero que ele seja capaz de adivinhar os doces
que, às vezes, desejas a meio da noite,
à primeira tentativa.

SAUDADE

Dizem que só o português tem uma palavra
capaz de representar a falta de algo.
Este sentimento de perda ou ausência
profunda de algo que já não é nosso.

Mas a saudade não é, em si, um conceito fechado.

A saudade é o cheiro a maresia na Praia da Saúde;
saudade é ver Lisboa por todos os seus miradouros
e lembrar-me de ti;
saudade é ver as nossas pegadas na areia de anos
passados desaparecerem na rebentação das ondas
da minha imaginação;
saudade é sentir o teu toque no fogo
que assoma a ponte num fim de tarde qualquer;
o frémito da faixa da esquerda
transporta-me ao verão,
onde sempre fui tão feliz contigo.

Talvez a saudade seja primavera,
e talvez Caeiro tenha mentido
e a primavera chegado comigo ainda vivo.

ADJETIVAÇÃO DE TI

Talvez, um dia, depois de me esqueceres,
nos voltemos a encontrar.

Tu, livre, solta, mulher,
eu, o homem que ainda te quer,
e nos voltemos a apaixonar.

QUANDO TE PENSO — PT. 2

Quando te penso
é a saudade quem oiço
assobiar pelo trémio da folhagem
da tua ausência.

É tão pacífico aqui.
Sem ti, pouco há mais a fazer
senão viver na angústia de te saber perdida.

Sinto a tua falta
ciente de te saber em paz com a minha.

Talvez tudo isto tenha sido um sonho.
Talvez, só talvez, tenha pensado
que para todo *O Poeta* existe uma *Beatriz*.

Talvez para mim exista paz no além de ti.
Talvez seja esta a minha sina:
a de estar disposto a dar a vida
por alguém que jamais o faria por mim

— tu e a poesia.

PERDIÇÃO DE AMOR — PT. I

Quando te perderes nos seus lábios
e na envoltura dos seus braços,
vê-lo-ás tocar apenas o teu corpo
e não te dirá mais do que
uma promessa oca:
promessa de uma paixão ardente,
um amor dos que te tornam crente
— sereno, calmo e arrebatador.

Mas quando te perderes nos seus lábios,
entenderás como sempre te beijei
mais do que só a boca
e como sempre te toquei
para além desse corpo.
Um amor como nenhum outro
— metafisicamente doutro

mundo.

A TRAGÉDIA DE DANTE

Dante esqueceu-se do círculo no Inferno
para aqueles cujo único pecado foi
amar demais.

PERDIÇÃO DE AMOR — PT. 2

E quando ele te tocar,
repara como é tão mundano,
um toque meramente profano.
Não te dedica nem Torga nem Caetano.
Sem medo de perder um deus-humano
que desceu do Olimpo para mergulhar no ciano
que tinha a seus pés.

Quando ele te tocar, lembra-te de mim
e como nunca te escreveram assim.
Como és mais do que um meio para um fim.
És querubim.
Um motim no jardim dos deuses:
és alecrim, carmesim, jasmim.
Se te vestisse, serias cetim.

E eu estou perdido por ti:
pelo teu éter vindouro
doutro tesouro.
Um alienígena endeusado,
indígena dos céus excomungado.